



A HIPOCRISIA DA IDEOLOGIA

Renata Drumond Pinto Coelho

O termo "ideologia" é familiar aos nossos ouvidos, pois, seja na televisão, nos discursos políticos ou nas ruas, muitas pessoas se referem à ideologia, mesmo que não saibam o seu significado. Na verdade, muitas das coisas sobre as quais falamos ou das quais ouvimos falar nos são desconhecidas ou falsamente conhecidas. Cada um tem um conceito pessoal de ideologia, simples, aprofundado, estudado ou enganoso. Ideologia pode ser um modo de pensar para uns, uma razão de viver para outros ou, ainda, um pensamento qualquer. De acordo com Marilena Chauí, a ideologia é um corpo sistemático de representações que nos ensinam a pensar e de normas que nos ensinam a agir, sendo sua função assegurar deter-

minada relação dos homens entre si e com suas condições de existência, além de adaptar os indivíduos às tarefas prefixadas pela sociedade.(Chauí, 1994, p.113)

A ideologia contradiz a realidade, abstrai seu discurso e torna os fatos universais, quando na verdade não o são.

Dessa maneira, o que se pretende discutir neste artigo são algumas características do discurso ideológico que nos levam a acreditar que, através dele, tem-se uma análise invertida da realidade. Pode-se perceber que a ideologia dissimula a diferença de classes e procura manter a dominação de uma classe

sobre outra. Karl Marx dizia que a ideologia representa um conjunto de idéias que faz com que a classe trabalhadora tenha um pensamento capitalista para, assim, aceitar sua condição inferior perante a classe exploradora, permitindo um convívio pacífico e mascarando o poder de dominação. Portanto, a ideologia contradiz a realidade, abstrai seu discurso e torna os fatos universais, quando na verdade não o são. Esses discursos estão tão presentes em nosso viver, transmitidos pelo rádio, TV, escolas, igrejas e outros, que constituem nossas crenças e nossas atitudes. É por isso que, muitas vezes, dependendo da situação em que se aplica um pensamento, este pode se tornar ideológico, mesmo que não percebamos isso.

Os provérbios, por exemplo, que utilizamos no dia-a-dia, podem adquirir esse sentido ideológico, principalmente quando empregados para conformar as pessoas. A expressão "Feliz é quem só quer o que pode e só faz o que quer" pode ser vista como uma maneira de assegurar a aceitação de uma vida penosa, seja em nome da vontade de Deus, do dever moral ou simplesmente da ordem natural das coisas. Assim, o provérbio se refere a uma felicidade que se obtém com pouco, significando que as pessoas podem ser felizes sem ter dinheiro. Esse argumento minimiza o problema da

pobreza e da diferença de classes. Então, o trabalhador é explorado por seu empregador, ganha o mínimo ou menos que isso para o sustento de sua família, passa por inúmeras dificuldades e, ainda assim, tem que se conformar com essa situação, pois é livre para fazer o que quiser, como se isso bastasse.

No entanto, isso não significa que as pessoas sejam pobres por serem incompetentes, preguiçosas ou pouco esforçadas, como se costuma dizer.

Apresentar como universal um fato que não ocorre para todos, pois as classes mais altas têm mais chances na vida e podem sempre querer mais, é uma inversão da realidade. O que acontece na prática, normalmente, é que o pobre só tem uma opção de vida e, por isso, "vive nela", já que as desigualdades sociais provocam essas injustiças. A felicidade não vem com o que se pode ter, mas quando se tem algo, na medida em que, no mundo em que vivemos, muitos não têm onde morar, o que comer ou o que vestir. Como ser feliz assim? Como fazer o que se quer quando não se consegue fazer algo para mudar essa situação? Da mesma forma, dizer que "a quem nada deseja, nada falta" pode ser uma forma de levar o homem a aceitar o pouco que tem,

acreditando que não deva desejar melhorar sua vida, pois, se nada deseja, nada falta. Isso garante, claramente, a dominação de classes.

Muitas vezes, o aspecto ideológico de uma afirmação responsabiliza o pobre por sua condição, enquanto o que ocorre é que a classe que detém os meios de produção, constituída pelos mais privilegiados, tem mais oportunidades e condições de obter um sucesso profissional e, para isso, não precisa esforçar-se tanto quanto os pobres. Já esses, muitas vezes, nem com muito esforço conseguem melhorar sua condição de vida, porque as chances para tanto não dependem somente deles. No entanto, isso não significa que as pessoas sejam pobres por serem incompetentes, preguiçosas ou pouco esforçadas, como se costuma dizer.

Igualmente, o conteúdo da frase "O Estado é uma instituição que está a serviço de todos" passa a crença de que o povo possui esse poder diante do Estado, sendo que, de fato, o Estado beneficia uma minoria, da qual está a serviço realmente, devido a interesses, principalmente materiais e econômicos. Quando um pobre precisa do Estado para atendimento em saúde, educação e outros, não recebe o serviço com a qualidade de que necessita, nem tem o poder que supostamente é

seu e em seu nome é exercido. Esse discurso é abstrato, lacunar e universal, feito para defender a divisão de classes na sociedade burguesa.

A dominação seria, portanto, reflexo desse conformismo que tais ideologias podem suscitar e, para lutar contra isso, precisaríamos repensá-las.

Essa mesma "ironia" podemos encontrar na expressão "Quem dá aos pobres, empresta a Deus", pois revela uma ideologia que defende a fé, os valores, crenças e normas religiosos, buscando assegurar uma boa relação entre as diferentes classes. É como acreditar que "Quem cedo madruga, Deus ajuda", ou seja, que quem se dedica ao trabalho árduo e se esforça o suficiente é beneficiado pela ajuda divina. Essas crenças são como argumentos para que a sociedade se conforme com a situação em que vive. Toda essa ideologia está embutida em nossa cultura e acaba controlando nosso comportamento, induzindo à formação e à aceitação de um sentimento capitalista. A dominação seria, portanto, reflexo desse conformismo que tais ideologias podem suscitar e, para lutar contra isso, precisaríamos repensá-las.

São vários os discursos ideológicos nos quais acreditamos e com os

quais convivemos sem perceber as características que os tornam, de certa forma, falsos, quando aplicados a situações de desigualdade social. É fundamental, pois, saber interpretar a ideologia e não deixar que ela mascare injustiças, encarando-as como acontecimentos naturais que não podem ser modificados. Não devemos nos acomodar a esses discursos ideológicos, porque dessa forma estaremos aceitando a nossa própria alienação, ou seja, ocupando-nos apenas com o fazer e considerando normais as disparidades sociais e suas conseqüências.

Referências bibliográficas:

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1993. 391 p.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *O que é ideologia*. 38 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 125 p.

Renata Drumond Pinto Coelho é aluna do
Curso de Administração da FACE-FUMEC
